

Resenha

Fronteiras da colonização

Kalina Vanderlei Silva. *Nas solidões vastas e assustadoras: a conquista do sertão de Pernambuco pelas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII*. Recife: Cepe, 2010. 269 p.

LETÍCIA FERREIRA *

Quando falamos das fronteiras e dos limites de um território pensamos logo em mapas, tratados, entrepostos e alfândegas. Contudo, a professora Kalina Vanderlei Silva, em seu livro *Nas solidões vastas e assustadoras: a conquista do sertão de Pernambuco pelas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII*, não opta por essa abordagem. A autora distancia-se dessa questão e aprofunda outras, a saber: as fronteiras e os limites da América portuguesa coincidiram com os da colonização? Como os contemporâneos definiam os espaços explorados e aqueles a explorar? Quem ocupava cada uma dessas partes? Eram elas isoladas uma da outra ou interagiam entre si?

A leitura desse trabalho, produzido ainda em 2003 – publicado mais recentemente, em 2010 –, nos leva a revisitar o complexo campo da História social. Com esse movimento, nossa atenção desloca-se para alguns personagens que andavam perdidos entre tantos estudos sobre as trajetórias de administradores, comerciantes, etc. O importante para a autora foi definir o significado da conquista do interior continental das capitanias do norte do *Estado do Brasil* para os pobres e vadios das vilas açucareiras. A interiorização pôde significar ascensão social, acesso à terra e liberdade.

O trabalho foi realizado com um fôlego arquivístico impressionante. A autora debruçou-se sobre os livros de códices do conselho ultramarino que, apesar de digitalizados, não estão catalogados. Tratou com cuidado os cronistas e memorialistas contemporâneos e transitou com facilidade por conjunturas distintas entre os séculos XVII e XVIII. Seu foco de análise foi sem dúvida, a segunda metade dos seiscentos quando a conquista do sertão tornou-se um empreendimento dos colonos e, também, da Coroa. Àquela altura, os pobres, os vadios e os criminosos passam a ter uma utilidade para o projeto colonizador: soldados para irem ao sertão.

Por isso, como ler esse trabalho, e não nos lembrarmos do brilhante *Os desclassificados do Ouro* de Laura de Mello e Souza? Os pobres, vadios, *os desclassificados* povoam ambos os trabalhos. Para Kalina Vanderlei Silva é preciso diferenciar o “pobre” do “vadio”. Ambos foram recrutados pela coroa, mas possuíam condições sociais distintas. O vadio podia ser comparado mesmo a um criminoso – ainda que pudesse reafirmar o modelo ideal daquela sociedade barroca onde o trabalho era visto como algo impuro. Em oposição, o pobre, apesar de produtivo, por isso, corrompia esse ideal.

* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense com a tese: *É pedido e não tributo*. O donativo para o casamento de Catarina de Bragança e a paz de Holanda. (Portugal e Brasil c.1660-c.1725), sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Bentes Monteiro.

A autora evidenciou como a população localizada no litoral criou e recriou imagens acerca do “sertão”, consolidando estereótipos de violência, vazio, perigos e dificuldades. Da mesma forma, conceituaram seus habitantes, chamados “tapuias”, o que significava a mesma coisa que “bárbaros”. O interior, mesmo após a sua ocupação – fim da guerra dos bárbaros – continuou a ser visto como espaço “sem lei” ou “justiça”. A fronteira do sertão e da civilização era sempre mutável. Quando as áreas próximas das vilas açucareiras eram ocupadas por mocambos ou índios bravios, lá estava o “sertão”.

Contraditoriamente, o “sertão” era visto como fértil, como espaço de possibilidades. O discurso utilitarista serviu a uma camada que pretendia captar o apoio da Coroa no empreendimento da conquista. A penúria e a ausência de ordem resultavam do pouco interesse dos colonos e não da pobreza da terra. Ao descreverem o interior dessa forma, os colonos – senhores de engenho, cronistas, militares, religiosos e administradores – através de um jogo de contrastes, acabavam por valorizar o litoral. As vilas açucareiras seriam por princípio, o espaço da civilização. O modelo era sem dúvida baseado nos parâmetros europeus do século XVII que podem ser caracterizados como típicos do *barroco*.

A leitura – apesar de um pouco cansativa dada a repetição de algumas ideias – ajuda a compreender a formação da sociedade sertaneja. Se no interior, pobres e vadios podiam encontrar a possibilidade de acesso à terra, de ascensão via carreira militar ou de lançarem-se pelas vastidões em busca de liberdade, aqueles que tomaram assento no sertão tiveram que lidar com o crescente poder dos senhores dos currais. Este adveio da contínua posse das terras, associada aos cargos e patentes militares. Talvez, aqui tenhamos uma pista das origens do principal fenômeno social e político que marca nossa história: o coronelismo.

Resenha recebido para publicação em 13 de abril de 2014.